

las, mas acrescenta que, apesar desse processo, grande parte da indústria está focada na direção contrária, buscando contemplar a maior diversidade de corpos possíveis.

Ela afirma que essa volta ao enaltecimento do corpo tem sido observada em um movimento global conhecido como “moeda antiga”, no qual a Geração Z tem trazido de volta conceitos dos anos 2000, incluindo a magreza e o corpo dito “perfeito”. “Temos mapeado esse movimento desde 2021, porém ele não tem sido entendido como uma tendência macro, mas, sim, como algo mais voltado para a nostalgia na moda e na beleza”, comenta.

No entanto, mesmo acreditando que essa onda não deve se estender, Naia ressalta a importância de diversas marcas estarem dispostas a reescrever suas políticas de inclusão. Ela menciona a importância da linguagem na comunicação com o consumidor. “No setor esportivo, termos como ‘queimar gordura’ ou ‘tonificar e enrijecer’ podem parecer preconceituosos e não fazem sentido para as pessoas que se exercitam e consomem moda fitness, por razões que vão além da aparência, incluindo a saúde mental e as doenças físicas crônicas”, acrescenta.

A especialista em tendências menciona ainda o lado do que o consumidor quer ver — e consumir. Um estudo conduzido pelo Institute of Digital Fashion, em 2021, revelou que os consumidores querem ver mais representatividade nos ambientes virtuais. A diversidade e a inclusão são fundamentais para a criação de espaços nos quais as pessoas se sintam representadas e livres para se expressar.

“Sempre fui perfeita”

Foi assim que a modelo plus size **Tereza Raquel de Souza Gomes**, 28 anos, respondeu a uma senhora que acreditava estar fazendo um grande elogio ao dizer que, ao perder alguns quilos, ela estava “quase ficando perfeita”.

Esse tipo de comentário não é novidade para a modelo, que começou a engordar quando tinha 14 anos. Crescendo nos anos em que a magreza extrema era celebrada, sofria com comentários negativos dentro da própria casa e, mesmo quando tinha 50kg, era sempre a “mais cheinha”.

Na vida adulta, Tereza se deparou com o termo plus size pela primeira vez. “Nunca imaginei que mulher gorda poderia ser modelo e me apaixonei ao ver mulheres, como eu, se sentindo lindas e empoderadas. Vi que era o que queria para minha vida”, lembra.



1 Kate, deslumbrante em seu vestido verde, durante a cerimônia do Oscar de 1998: na época, ela recebeu diversas críticas por seu corpo

2 Bridget Jones, interpretada por Rennè Zellweger no início dos anos 2000, era a heroína na qual as jovens “acima do peso” deveriam se inspirar

3 Britney Spears recebeu diversos ataques por seu corpo nesta apresentação, em 2007



Em 2018, ela se tornou modelo e começou a dividir suas experiências nas redes sociais. O processo foi extremamente positivo para Tereza, que lembra de sempre se achar bonita, mas de questionar sua autopercepção por comentários e pela opinião alheia. “Quando eu me vi como uma mulher gorda, continuei me achando bonita e pensei o que poderia fazer com isso. Assim, passei a dividir minhas experiências”, comenta.

E, para quem aparece cobrando sobre sua saúde, ela afirma que os exames estão sempre em dia e a disposição nunca faltou para trabalhar, cobrir eventos, desfilas e cuidar das filhas.

A internet é vista como uma forma de se curar e se sentir bem consigo mesma, buscando trazer outras mulheres para o mesmo processo. “Todo mundo já sabe o lado negativo, então eu busco trazer positividade, alegria e autoestima.”

Tereza vê o atual processo, no qual a diversidade parece estar desaparecendo, como algo assustador. “Eu não via pessoas reais nas capas de revista e, quando finalmente conseguimos trazer, querem voltar a nos empurrar um padrão surreal”, lamenta.

A principal preocupação da modelo é como isso pode impactar as gerações mais novas e afirma que já tem sentido parte dessa pressão no trabalho. Mesmo as marcas plus size, por exemplo, têm diminuído as formas das roupas “como uma forma de obrigar as pessoas a emagrecer”, reclama.

Tereza acrescenta que as modelos plus size mais famosas, por exemplo, costumam vestir entre 48 e 50, numeração inicial das marcas plus. “Nem o corpo plus que vemos é totalmente real, mesmo a diversidade que vemos acaba sendo fora da realidade. Por isso, eu me esforço para mostrar um corpo real para minhas seguidoras e minhas filhas”, completa.